



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA

**INFORMALIDADE E SAÚDE MENTAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**

LUNA JULIANA XAVIER GOMES DE OLIVEIRA

CAMPINA GRANDE – PB

2018

LUNA JULIANA XAVIER GOMES DE OLIVEIRA

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Campina Grande, em cumprimento às exigências para obtenção do título de bacharel em Psicologia, sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Aline Vieira de Lima Nunes.

CAMPINA GRANDE – PB

2018

O482i

Oliveira, Luna Juliana Xavier Gomes de.

Informalidade e saúde mental: Uma revisão sistemática/Luna Juliana Xavier Gomes de Oliveira. – Campina Grande, PB: O autor, 2018.

26 f. il.: Color. 21 x 27,9 cm.

Orientador: Aline Vieira de Lima Nunes, Dra.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Campina Grande, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Trabalho informal. 2. Saúde mental. 3. Saúde do trabalhador. I. Nunes, Aline Vieira de Lima. (Orientador). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.964.2 (813.3)

LUNA JULIANA XAVIER GOMES DE OLIVEIRA

A INFORMALIDADE NO MERCADO DE TRABALHO E AS  
CONSEQUÊNCIAS PARA A SAÚDE MENTAL: UMA REVISÃO  
SISTEMÁTICA

APROVADO EM: 15 / 03 / 2018

BANCA EXAMINADORA

Aline Vieira de Lima Nunes

Professora Dr<sup>a</sup> Aline Vieira de Lima Nunes (UFCG)

Orientador(a)

Eduardo Breno Nascimento Bezerra

Professor Ms. Eduardo Breno Nascimento Bezerra

Examinador(a)

Lilian Kelly de Sousa Galvão

Professora Dr<sup>a</sup> Lilian Kelly de Sousa Galvão

Examinador(a)

## Sumário

<b>1</b>	<b>Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>Saúde mental e trabalho.....</b>	<b>9</b>
<b>3</b>	<b>Breve histórico do trabalho informal.....</b>	<b>11</b>
<b>4</b>	<b>Objetivos.....</b>	<b>12</b>
<b>4.1</b>	<b>Objetivo geral.....</b>	<b>12</b>
<b>5</b>	<b>Metodologia.....</b>	<b>13</b>
<b>6</b>	<b>Resultados e discussão.....</b>	<b>14</b>
<b>6.1</b>	<b>Prazer e sofrimento no trabalho informal.....</b>	<b>15</b>
<b>6.2</b>	<b>Transtornos mentais e abuso de substâncias.....</b>	<b>17</b>
<b>6.3</b>	<b>Aspectos objetivos e subjetivos voltados à informalidade.....</b>	<b>18</b>
<b>7</b>	<b>Considerações finais.....</b>	<b>21</b>
	<b>Referências.....</b>	<b>22</b>
	<b>Apêndice.....</b>	<b>23</b>

## INFORMALIDADE E SAÚDE MENTAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Luna Juliana Xavier Gomes de Oliveira<sup>1</sup>, Aline Vieira de Lima Nunes<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Psicologia. Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande - Paraíba, Brasil

**Resumo:** Esta revisão sistemática objetivou investigar as possíveis relações entre o trabalho informal e a saúde mental dos indivíduos inseridos neste contexto, através de literatura já publicada. Com uma população atual estimada em 33,4 milhões, incluindo trabalhadores sem carteira assinada e trabalhadores por conta própria, que estão sujeitos ao adoecimento físico e ou mental, a literatura ainda não conta com estudos publicados suficientes acerca das condições psicossociológicas destes trabalhadores. Ao todo, oito artigos constituíram esta revisão, sendo estes publicados nas bases acadêmicas Lilacs, Pepsic e Scielo. A partir da leitura integral dos mesmos, concluiu-se que existem aspectos que contribuem ao adoecimento mental e outros que contribuem para a saúde dos trabalhadores informais, incluindo elementos de sofrimento e prazer, baseados na teoria dejouriana. Ademais, questões como a autonomia, liberdade no ambiente de trabalho, reconhecimento e ausência de seguridade social também foram relatados como fatores que interferem na saúde mental, assim como outros elementos que, apesar de serem resultados de pesquisa, não tiveram relação comprovada por alguns autores.

*Palavras-chave:* Trabalho informal; Saúde Mental; Saúde do trabalhador.

**Abstract:** This systematic revision had as goal to investigate the possible relation between informal work and mental health of workers in that context, considering the published literature about. With one current population estimated in 33, 4 million, including workers without work contract and workers by their own, which are vulnerable to physic and mental illness, the related literature still does not have enough published studies about the psychosociological conditions of these workers. At all, eight articles were used for this revision, being these published on following academic bases: Lilacs, Pepsic e Scielo. From the whole reading of these articles, it was concluded that there are specific aspects that contribute for mental illness and others that contribute for informal workers health, including pleasure and hurting elements, based on dejourian theory. In addition, questions like autonomy, freedom on workplace, recognition and absence of social security were also reported as factors that interfere in mental health, as other elements that, despite being search results, they did not have relation with some authors.

**Keywords:** Informal work; Mental health, Worker health

## 1 Introdução

O interesse pelas questões associadas ao processo de saúde/doença no trabalho se deu a partir das diversas estatísticas a respeito dos transtornos mentais e comportamentos relacionados ao contexto laboral (Jacques, 2003). Tal importância se deu ainda com as propostas da VIIIª Conferência Nacional de Saúde e a Iª Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador, que provocaram mudanças na política de saúde do Brasil, dentre estas, a consolidação do Sistema Único de Saúde. Assim, a saúde é percebida como direito social e de cidadania e estas por sua vez englobam a saúde dos trabalhadores (Lacaz, 2007).

A Saúde do Trabalhador, inserida no campo da Saúde Pública, tem como objetivo intervir nas relações entre trabalho e saúde. Dessa forma, é responsável pela promoção e proteção da saúde do trabalhador através de ações que identifiquem riscos à saúde presentes no ambiente de trabalho, de maneira que venha a prestar assistência aos trabalhadores a partir dos procedimentos de diagnóstico, tratamento e reabilitação de forma integrada pelo Sistema Único de Saúde – SUS, independente da forma de inserção no mercado de trabalho, seja nos setores formais ou informais da economia (Dias, 2001).

A relação entre trabalho e saúde mental é percebida como um cenário onde o trabalhador enfrenta crescentes pressões psíquicas, onde estas são mais evidentes nas últimas décadas, devido às várias inovações tecnológicas e de comunicação que são instituídas dentro da globalização, acarretando transformações no campo de trabalho e conseqüentemente à saúde mental do trabalhador (Seligmann-Silva, 2010). A precarização do trabalho é entendida para Dias (2001) como um dos fatores que contribui para o adoecimento do trabalhador, uma vez que vem acompanhada de longas jornadas de trabalho, maior exposição de riscos à saúde, descumprimento de regulamentos de proteção à saúde e segurança. Tais agentes podem ser percebidos ao longo da discussão desta revisão na qualidade de conseqüências para o processo de saúde – doença, evidenciando-se a questão da saúde mental.

A Organização Mundial de Saúde estima que 30% dos trabalhadores ocupados<sup>1</sup>, são acometidos por transtornos mentais menores, enquanto 5 a 10% são prejudicados por transtornos mentais graves (Dias, 2001). A autora aponta ainda que as novas tecnologias e novos modos de gerenciamento, relacionados à instabilidade no emprego, modificam o perfil de adoecimento e sofrimento em trabalhadores. Essa relação assina o surgimento de formas de

---

<sup>1</sup> Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) são pessoas que trabalham em troca de remuneração em dinheiro, produtos, mercadorias, benefícios ou sem remuneração direta em ajuda à atividade econômica de membro do domicílio.

adoecimento mal caracterizadas, como o estresse e a fadiga mental. A exemplo disso, a Síndrome de Burnout (Síndrome do Esgotamento Profissional) ilustra esse adoecimento, acometendo principalmente profissionais da educação e da área da saúde, como demonstram as pesquisas de Carlotto (2014) e Soares e Cunha (2007). Dentre a variedade de profissionais acometidos por doenças mentais, é perceptível no decorrer deste artigo que aqueles inseridos no mercado de trabalho informal ainda são pouco estudados na literatura, apesar de também fazerem parte dos trabalhadores que adoecem.

Por conseguinte, este trabalho tem enquanto objetivo realizar uma revisão sistemática de artigos publicados a respeito da saúde mental do trabalhador, sendo estes incluídos na categoria da informalidade. A seguir, o tema saúde mental e trabalho será melhor explanado para que se possa compreendê-lo de um modo geral e relacioná-lo com o contexto do trabalho informal. *A posteriori*, será apresentado acerca da informalidade e suas vertentes, como o histórico e características da mesma e por fim os resultados e discussão da revisão.

## 2 Saúde mental e trabalho

A consolidação da saúde mental do trabalhador no Brasil está relacionada ao momento de abertura política no final da década de 1970, com a retomada dos movimentos sociais. Estes movimentos atuaram na construção das políticas públicas de corte social, resultando na promulgação da Constituição Federal de 1988 e subsequentes, a lei do Sistema Único de Saúde – SUS. A Saúde do Trabalhador se constituiu enquanto política de saúde devido ao movimento sindical e o movimento sanitário. Dessa forma, o adulto foi admitido na categoria de trabalhador, onde seria necessário conhecer as condições de trabalho, assim como o processo de produção e (re)produção das relações sociais. De acordo com tais concepções, a Saúde do trabalhador está inserida em um campo teórico e prático que tem como objetivo o estudo a análise e a intervenção nas relações de trabalho e saúde-doença (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2008).

Destarte, o tema Saúde Mental e Trabalho trata-se de uma questão discutida na contemporaneidade, de forma que está presente também na produção de conhecimento acadêmica, onde esta é comprometida com a busca por práticas que melhorem as condições de trabalho e que instaurem políticas públicas. A complexidade da temática determina que várias áreas sejam integradas, de forma que o estudo da Saúde Mental e Trabalho trate sobre a sistematização do dia a dia dos trabalhadores. (Tittoni & Nardi, 2008).

Tendo como base o referencial teórico e a relação entre trabalho e o processo de saúde/doença mental, Jacques (2003) apresenta quatro amplas abordagens articuladas entre a psicologia e a psicologia social: as teorias sobre estresse, a psicodinâmica do trabalho, as abordagens de base epistemológica e/ou diagnóstica e os estudos e pesquisa em subjetividade e trabalho. Dentre os quais, os dois primeiros são enfatizados a seguir.

- As teorias sobre estresse

Conforme aponta Jacques (2003), a definição de estresse vem sendo utilizada vastamente nos meios acadêmicos e em órgãos de comunicação, assim como na linguagem rotineira, onde a popularização exibiu o vínculo entre trabalho e saúde/doença mental. O conceito é utilizado de forma imprecisa, sendo útil para caracterizar tanto um estado de irritabilidade como um quadro de depressão grave.

Em contrapartida, Pereira e Zille (2010) conceituam o estresse como uma síndrome específica de fatores biológicos, uma vez que ocorrem transformações precisas no sistema biológico, suscitadas por diversos agentes. Os autores também consideram que o estresse é consequência das exigências às quais o corpo é exposto.

- A psicodinâmica do trabalho

Tal abordagem tem o autor francês Dejours como principal difusor. Segundo Jacques (2003) a ênfase da teoria incide no estudo da normalidade sobre a psicopatologia do trabalho, ao passo que o termo foi substituído por psicodinâmica do trabalho como forma de diminuir a importância dos aspectos patológicos. A abordagem dejouriana também difunde o conceito de “sofrimento psíquico” sendo este uma vivência subjetiva intermediária entre a doença mental descompensada e o bem-estar psíquico.

O objeto de estudo da Psicodinâmica do Trabalho é o sofrimento, entretanto para Lima (1998) isto não significa que tudo seja reduzido a este sofrimento, mas é necessário abrir possibilidades que transformem essa realidade. Dessa forma, a autora discorre que a Psicodinâmica do Trabalho tem como objetivo apreender as estratégias de defesa que são utilizadas pelos trabalhadores para minimizar esse sofrimento, evitar possíveis doenças e preservar seu equilíbrio psíquico; de modo que seja possível uma percepção para o sofrimento e para o prazer no contexto laboral.

Jacques (2003) discorre que a temática saúde mental e trabalho procura estudar o trabalhador a partir de suas experiências e vivências adquiridas no contexto laboral. Os diversos estudos têm um ponto em comum: o trabalho é compreendido para além do caráter técnico e econômico, enfatizando a cultura, valores e a subjetividade dos trabalhadores. Outra especialidade de tais estudos é realçar vivências, cotidiano, modos de ser e não

necessariamente diagnósticos psicopatológicos, assim como a valorização dos aspectos qualitativos e das experiências em si dos trabalhadores que acompanham os processos de adoecimento relacionados ao trabalho.

A partir destas teorias relacionadas ao processo saúde-doença que o trabalho pode proporcionar, propõe-se pensar a realidade atual brasileira: o trabalho informal. Impulsionada pela crise econômica, a situação do trabalhador nessas condições é crítica.

Os dados do IBGE (2018) apontaram 10,7 milhões de empregados sem carteira de trabalho assinada em 2017, comparados aos 10,4 milhões de trabalhadores no ano de 2014, evidenciando uma tendência de alta. Também em 2017, estimou-se que 25,0% (22,7 milhões) da população ocupada estava inserida na condição de trabalho por conta própria, sendo observado um crescimento de 1,4 milhões em relação a 2014. Neste sentido, o artigo aborda a problemática: como os trabalhadores informais vivenciam a relação saúde-doença no seu dia a dia de trabalho? Antes de buscar respostas a essa questão, é necessário contextualizar este tipo de trabalho.

### 3 Breve histórico do trabalho informal

Beloque (2007) discorre que o surgimento do trabalho informal na América Latina se deu a partir do *déficit* na criação de postos de empregos produtivos<sup>2</sup>. Cacciamali (2000) acrescenta que “o padrão de crescimento econômico substitutivo de importações, rápido e intensivo em capital” (p. 155) contribuiu para uma pouca oferta de empregos à população economicamente ativa, acarretando em um excesso de mão de obra.

Em contrapartida, os motivos que especificam a carência na geração de empregos são para Souza (1976, apud Beloque, 2007) de três ordens: a primeira refere-se à instalação de setores produtivos urbanos em um mercado interno com uma alta concentração de renda, ou seja, um mercado pequeno, porém bastante diversificado. A segunda corresponde ao desenvolvimento industrial da América Latina, que se deu no momento de disseminação de empresas transacionais, o que influenciou a produção de bens de luxo, ao passo que as tecnologias utilizadas não condiziam com as necessidades e recursos da região. Por fim, estas tecnologias se caracterizaram por diminuir o capital, assim como a mão de obra.

---

<sup>2</sup> Empregos produtivos são compreendidos de acordo com Souza (1956, apud Beloque, 2007) enquanto a ocupação de uma pessoa que possua um nível de produtividade e remuneração igual ou superior ao que a sociedade considera como adequados.

Devido às peculiaridades da economia latino-americana nas décadas de 60 e 70, existiu a preocupação com esta insuficiência de empregos, principalmente devido ao fluxo de pessoas advindo da zona rural aos centros urbanos, de forma que não se inseriram nos setores produtivos. Sendo assim, a possibilidade encontrada à obtenção de uma renda foi a de “autocriação de empregos”, com níveis de produtividade considerados pequenos (Beloque, 2007). Dado isso, houve a criação de um setor informal, definido pela mesma autora como “um segmento de trabalhadores desempregados que não consegue colocação nas ‘empresas organizadas’ e recorre à ‘autocriação’ de empregos para garantir a sua subsistência” (p. 23).

Cacciamali (2000) trabalha a partir de uma perspectiva de que a informalidade é constituída de dois elementos: (a) o assalariamento sem carteira, onde o trabalhador está inserido em um quadro de vulnerabilidade, uma vez que estão ausentes da regulamentação laboral e proteção social, no que diz respeito principalmente às demissões, acidentes de trabalho e horas de trabalho (longas jornadas). O outro fator diz respeito ao auto emprego, onde as pessoas estão inseridas em formas de trabalho por conta própria, devido às dificuldades de ingresso em empregos formais ou por opção.

Considerando o contexto do surgimento do trabalho pautado na informalidade, e que o mesmo transformou-se em uma solução ao desemprego, Lima (2016) atenta para as condições nocivas à vida dos indivíduos que dependem desta forma laboral. Dentre estas, o autor discorre sobre a remuneração, quantidade de horas trabalhadas e o não afastamento do ofício devido a agravamentos de saúde, uma vez que não estão respaldados pelas leis trabalhistas, assim como o raro acesso aos equipamentos, às tecnologias e aos procedimentos que asseguram a saúde e segurança. Tais aspectos citados servem como base para a iniciativa do presente artigo, uma vez que se torna indispensável compreendê-los enquanto condições que possam comprometer a saúde mental do trabalhador informal.

## 4 Objetivos

**4.1 Objetivo geral:** Investigar, a partir da revisão literária, as possíveis relações existentes entre trabalho informal e a saúde mental dos trabalhadores inseridos nesse contexto.

## 5 Metodologia

O presente trabalho corresponde a uma revisão sistemática, definida por Sampaio (2007) enquanto categoria de pesquisa que faz uso da literatura sobre determinado tema, como fonte de dados. Tal revisão teve sua execução pautada nas seguintes etapas, descritas pelo mesmo autor:

- I) Definição da pergunta problema;
- II) Definição das bases acadêmicas a serem utilizadas

As bases acadêmicas escolhidas para delinear artigos acerca da saúde mental e a relação desta com o trabalho informal foram as seguintes: Pepsic, Scielo, Lilacs e PubMed sendo esta última não utilizada nos resultados finais pois não apresentou estudos pertinentes. *A priori*, foi realizada uma fase teste com as palavras chaves, de modo a identificar que palavras ofereciam os resultados mais relevantes à revisão sistemática, sendo estas: “trabalho informal”; “vendedor ambulante”; “informalidade”, todas acompanhadas dos verbetes “saúde mental”. Entretanto, apenas “trabalho informal” obteve resultados satisfatórios, ou seja, artigos pertinentes para o presente trabalho.

- III) Delimitação de critérios de inclusão e exclusão dos artigos a serem selecionados

No tocante ao material selecionado, foram incluídos aqueles que abarcassem o tema do trabalho informal e o relacionasse, direta ou indiretamente, à saúde mental dos trabalhadores nesta situação. Esta relação poderia ser através da abordagem teórica definida pelos autores (e.g., psicodinâmica do trabalho), por temas (e.g., subjetividade) e/ou pela descrição das vivências desses trabalhadores (e.g., como as condições precárias as quais os indivíduos estão inseridos e as consequências ao psiquismo destes).

Portanto, foram excluídos artigos que apresentassem: (a) apenas as decorrências físicas, assim como a precariedade do trabalho e sua relação para a saúde física de maneira exclusiva; (b) que associasse a informalidade somente aos processos de exclusão social; (c) trabalhos que não apresentassem a condição de informalidade; (d) publicados em idiomas que não fosse o idioma português.

A delimitação por estudos pertinentes à revisão sistemática não considerou tais aspectos: ano de publicação, público alvo (e.g., adultos, crianças, idosos) e tipo de estudo, uma vez que não se trata de um tema muito discutido ainda na literatura.

#### IV) Leitura dos títulos dos artigos, assim como o resumo destes

Realizou-se a leitura dos títulos e resumos dos resultados das buscas com a finalidade de analisar todas as possibilidades que contribuíssem à revisão sistemática.

#### V) Leitura completa dos artigos selecionados

## 6 Resultados e Discussão

Dentre as bases acadêmicas utilizadas nesta revisão, foram encontrados 543 artigos através da palavra-chave “trabalho informal”. Deste número total, foram incluídos apenas artigos publicados em português, restando 362. Após esse filtro, 344 foram excluídos uma vez correspondiam a trabalhos com temas impertinentes ao proposto pela revisão, de acordo com os critérios de exclusão, restando 18 artigos para análises.

Dos 18 artigos selecionados, sete não foram incluídos devido aos seguintes critérios: apresentação do trabalho na categoria de formalidade (um); trabalho informal relacionado única e exclusivamente à exclusão social (quatro) e informalidade voltada apenas para fatores de gênero (dois). A partir dessa seleção, 11 artigos foram escolhidos para a revisão sistemática. Entretanto, após a leitura destes na íntegra, três estudos foram excluídos da análise final, em virtude de não condizerem com os critérios de inclusão anteriormente propostos. A Tabela 1 (apêndice) apresenta os artigos utilizados na revisão, evidenciando o título, autoria e o ano de publicação, público-alvo dos estudos e as principais conclusões.

A partir dos oito artigos escolhidos, 87,5% (sete) referem-se a pesquisas de campo. Apesar de possuírem objetivos variados, os artigos trouxeram questões pertinentes à construção desta revisão sistemática, pois permitiram associar as principais relações entre a saúde mental e o trabalho na categoria da informalidade. Os mesmos foram publicados nos seguintes periódicos: Revista Eletrônica de Enfermagem, Arquivos Brasileiros de Psicologia, Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Psicologia: Ciência e Profissão, os quais apresentaram um

estudo cada. A Revista *Psicologia Organizações e Trabalho* apresentou três estudos que compõem esta revisão.

Com a finalidade de agrupar os artigos similares e buscar relações entre estes, foi realizada uma categorização dos artigos, sendo classificados nos seguintes grupos: prazer e sofrimento; transtornos mentais e abusos de substâncias relacionadas à atividade informal; subjetividade e objetividade relacionada ao trabalho informal.

A primeira categoria incluiu três artigos que discorreram em linhas gerais acerca das relações de prazer e sofrimento dentro do contexto de trabalho, tendo como aporte teórico a *Psicodinâmica do Trabalho*. Quatro artigos abordaram uma discussão sobre a predominância de transtornos mentais e a possível relação destes com o trabalho informal, além de abordar o uso de substâncias, sendo incluídos na segunda categoria. Por fim, dois artigos (um dos artigos está incluído em duas categorias, simultaneamente) foram selecionados para a última categoria, uma vez que apresentaram questões subjetivas e objetivas de grupos de trabalhadores informais.

### 6.1 Prazer e sofrimento no trabalho informal

Os artigos “O trabalho de músicos de uma banda de blues sob o olhar da psicodinâmica do trabalho” (Assis e Macêdo, 2010) e “Entre o bordado e a renda: condições de trabalho e saúde das labirinteiras de Juarez Távora/Paraíba” (Cunha & Vieira, 2009) trazem em comum o aspecto de trabalho artístico informal e o processo de sofrimento e prazer nas vivências laborais, de acordo com a teoria dejouriana. O elemento artístico é compreendido aqui a partir da concepção de Fabiano (2003), visto que o autor percebe os produtos culturais enquanto uma “dinâmica consumista consolidada pelo processo industrial” (p. 497), de forma que tais processos artísticos são para o autor, resultados de um interesse meramente técnico comercial.

Apesar de possuir esse caráter também comercial, os participantes das pesquisas de Assis e Macêdo (2010) e Cunha e Vieira (2009), músicos de uma banda de *blues* e labirinteiras, respectivamente, apontaram a arte como um fator de prazer e sofrimento no contexto de trabalho. De modo que os músicos apresentaram a criação artística e autonomia em criar composições como fatores constituintes de prazer. As labirinteiras por sua vez, não possuem autonomia no produto artístico como um todo, uma vez que cada artesã é responsável por uma parte do trabalho, sendo identificado pelas autoras o aspecto de

sofrimento psíquico neste processo de produção, que diz respeito ao medo, angústia e ansiedade em estar com a peça de outra artesã. Ao contrário dos músicos, onde todos os integrantes são responsáveis por todas as tarefas, resultando em uma sobrecarga de trabalho e consequentemente, sofrimento.

Os músicos e as labirinteiras que participaram das pesquisas citadas possuíam uma jornada dupla de trabalho, os primeiros necessitavam de outro emprego que garantisse o sustento financeiro e as artesãs também se encarregavam dos afazeres domésticos. Ambos os trabalhadores apresentaram tal jornada enquanto um elemento que contribui tanto ao adoecimento físico quanto ao mental, além de mencionarem a ausência de proteção ou regulamentação social, que também contribui para ao sofrimento psíquico. O reconhecimento do trabalho surgiu em duas vertentes nesses artigos, por um lado os músicos relataram sofrimento devido à falta de reconhecimento pela sociedade, em contrapartida, as labirinteiras citaram o reconhecimento que tem por parte da sociedade e de outras artesãs, como um fator constituinte de prazer no trabalho.

Bendassoli e Borges-Andrade (2011) afirmam que o trabalho enquanto atividade tem uma importância na vida dos trabalhadores de indústrias criativas, de forma que se torna um fator de identidade, alocação de tempo e significado. À vista disso, a identidade surgiu enquanto um aspecto de prazer para os trabalhadores anteriormente citados que, apesar das consequências que tais atividades trazem à saúde, percebem o valor social existente no trabalho. As relações sociais também foram percebidas pelos músicos e labirinteiras como indispensáveis para uma relação de prazer com o trabalho.

De acordo com a teoria da Psicodinâmica do Trabalho, o indivíduo possui estratégias para enfrentar o sofrimento, os músicos da banda de blues e as labirinteiras apresentaram tais ferramentas na forma de racionalização e negação do sofrimento, ou seja, os trabalhadores negam a relação entre trabalho e sofrimento, de modo que para Cunha e Vieira (2009) o objetivo das estratégias defensivas é alcançado, pois o sofrimento foi minimizado, contudo, não foi resolvido. Os músicos ainda apresentaram como estratégia a busca por um emprego formal que garantisse o sustento financeiro dos mesmos.

O artigo “A resignificação do sofrimento psíquico no trabalho informal” (Morrone e Mendes, 2003), também incluído na categoria de prazer e sofrimento, expõe elementos que constituem essas duas vertentes da saúde mental. O estudo foi realizado com 20 trabalhadores de uma feira de importados, com a finalidade de investigar o prazer e o sofrimento pautados

na psicodinâmica do trabalho. A partir de entrevistas semi estruturadas e individuais, as autoras delimitaram de maneira didática os fatores associados ao prazer e ao sofrimento no trabalho, assim como elencaram as estratégias para minimizar esse segundo.

As categorias de prazer no trabalho identificadas na pesquisa estão relacionadas à percepção da atividade enquanto uma forma de se alcançar metas pessoais, assim como nos casos dos trabalhadores supracitados, o trabalho é percebido como uma identidade. As relações sociais com colegas de trabalho (apesar de o trabalho ser autônomo, existe o coleguismo entre os boxes da feira), autonomia em poder exercer o trabalho da forma que desejar e independência financeira também são tidos como fatores de prazer no trabalho.

O reconhecimento mostra-se como uma forma de prazer e sofrimento, na condição de que quando o mesmo é presente, seja por parte dos clientes, familiares e ou amigos, torna-se um elemento de prazer. Quando este não está presente, inclusive quanto à falta por parte de investimentos do governo, principalmente no que diz respeito à seguridade e proteção social, torna-se um causador de sofrimento. Aspectos como carência de oportunidades de crescimentos, rotina exaustiva, falta de infra-estrutura, baixa remuneração também foram interpretados com o significado de sofrimento.

Os feirantes que participaram da pesquisa de Morrone e Mendes (2003) também apresentaram um mecanismo de defesa contra o sofrimento no trabalho. De forma que os participantes ressignificaram os componentes tido como “negativos” e concluíram que os aspectos de prazer no trabalho se sobressaem àqueles, além de justificar a permanência na atividade com o fator financeiro, de autonomia, com o controle no processo de trabalho e com a liberdade de expressão que se tem neste contexto da informalidade.

## 6.2 Transtornos mentais e abuso de substâncias

É possível associar de forma mais precisa as relações entre o trabalho informal e a saúde mental dos trabalhadores inseridos neste âmbito a partir dos artigos “Risco para depressão, ansiedade e alcoolismo entre trabalhadores informais” (Oliveira, et al, 2010), “Avaliação das condições de trabalho e sofrimento psíquico em camelôs” (Santos e Mesquita, 2016) e “Associação dos transtornos mentais comuns com a informalidade das relações de trabalho” (Ludemir, 2005). Os dois primeiros estudos tem públicos alvos semelhantes, sendo estes indivíduos que trabalham com a venda de produtos importados e objetivaram averiguar

os riscos para transtornos mentais, assim como analisar as condições da saúde mental de trabalhadores informais.

A pesquisa de Oliveira et al (2010), realizada com 86 trabalhadores informais verificou os riscos e fatores de risco para depressão, ansiedade e alcoolismo entre os participantes. A partir da aplicação do questionário SRQ-20 (Self Report Questionare), constatou-se que 31,4% apresentou risco para ansiedade e depressão. De forma que os trabalhadores apresentaram tais indicadores de risco para ansiedade e depressão: nervosismo, tensão, cansaço constante, tristeza, insônia, dificuldade para realizar tarefas diárias, cefaleia frequente e facilidade para assustar-se. Os fatores de risco relacionados ao trabalho que surgiram foram sobrecarga de trabalho, insatisfação com o salário e competitividade no trabalho. A sobrecarga e a impossibilidade de ascensão social também foram fatores identificados como de risco para o alcoolismo.

Santos e Mesquita (2016) realizaram uma pesquisa com 40 camelôs, objetivando avaliar a saúde mental destes e suas condições de trabalho. 60% dos entrevistados relatou não ter problemas de saúde, entretanto 65% admitiu que o trabalho atual causa ou agrava algum tipo de doença. A renda diária e mais uma vez a autonomia foram aspectos positivos identificados quanto à informalidade; em contrapartida, fatores de má estrutura dos locais de trabalho, fiscalização, preconceito, dentre outros, são percebidos como desvantajosos. Através da aplicação do QSG-12 (Questionário Geral de Saúde de Goldeberg), 47,5% demonstraram sofrimento psíquico significativo, o que indica a possibilidade de transtorno mental. Entretanto, apesar destes resultados, os autores concluem que não se pode afirmar que este sofrimento é decorrente do trabalho informal, apenas que é possível levantar esta hipótese.

Uma hipótese semelhante foi levantada por Ludemir (2005), que realizou uma pesquisa com 621 trabalhadores, dentre estes, 147 inseridos no mercado de trabalho informal, a fim de averiguar a relação entre a informalidade e os transtornos mentais comuns. Através também da aplicação do SRQ-20 constatou-se que os trabalhadores formais possuíam a saúde mental significativamente melhor que a dos informais, ao passo que estes apresentaram uma prevalência de 35,4% relacionados aos Transtornos Mentais Comuns, o que para Ludemir (2005) pode ser explicados devido às longas jornadas de trabalho, incerteza quanto ao trabalho e ausência de benefícios sociais e de proteção da legislação trabalhista.

### 6.3 Aspectos objetivos e subjetivos voltados à informalidade

Quanto aos aspectos objetivos e subjetivos relacionados à informalidade no trabalho, os artigos “Vínculos empregatícios, condições de trabalho e saúde entre motoristas de caminhão” (Silva, et al, 2016) e “Trabalho e saúde mental: repercussões das formas de precariedade objetiva e subjetiva” (Bernardo, Nogueira e Büll, 2011) foram analisados a partir de um prisma de precariedade subjetiva e subjetiva. Destarte, os trabalhadores informais em situação de rua estudados por Bernardo, Nogueira e Büll (2011) apresentaram para os autores uma precariedade subjetiva, ilustrada pelos sentimentos de desamparo social em casos de problemas graves no trabalho, de isolamento, abandono, perda da autoestima, dentre outros. À medida que os caminhoneiros terceirizados foram percebidos na ótica de uma precariedade objetiva, devido à baixa remuneração e vínculo empregatício instável.

Ambas as classes de trabalhadores apresentaram o aspecto da autonomia no trabalho como um elemento que contribui à saúde física e mental destes. Os caminhoneiros autônomos evidenciaram a possibilidade de levar a família nas viagens e liberdade em escolher as rotas e horários de trabalho. Entretanto, esta mesma autonomia é percebida para os trabalhadores em situação de rua como algo negativo também, uma vez que esta liberdade pode ser traduzida como um aprisionamento, pois os indivíduos estão em constante busca por uma identidade de trabalho.

Tais estudos se enquadram ainda na categoria de transtornos mentais, principalmente no que diz respeito ao uso de substâncias químicas, estimulantes, álcool e anfetaminas (cocaína e crack) no trabalho, por parte de caminhoneiros. Mais uma vez, a autonomia entra em questão, pois a mesma também é causadora de ansiedade e preocupação, visto que é necessário o cumprimento de longas jornadas de trabalho para a obtenção de novas cargas, pois a renda dos trabalhadores depende da quantidade destas, fator que justifica o abuso das substâncias, com a finalidade de se manterem em estado de alerta; apesar de isto não ser característico apenas da classe informal de caminhoneiros. Por fim, nos trabalhadores em situação de rua foi identificado o alcoolismo como problema de ordem mental, entretanto as autoras não atribuíram isto única e exclusivamente ao contexto de trabalho.

Consoante à finalidade deste artigo, os estudos selecionados estão relacionados às práticas de atividades consideradas informais e as consequências, sejam estas positivas e ou negativas, para a saúde mental dos indivíduos inseridos neste mercado de trabalho. Os objetivos destes estudos foram em linhas gerais: analisar as condições de trabalho e saúde, comparar as representações objetivas e subjetivas entre trabalhadores formais e informais,

analisar fatores de risco para transtornos mentais, investigar evidências de sofrimento e prazer e averiguar a relação entre Transtornos Mentais Comuns e a informalidade do trabalho.

Os trabalhadores inseridos no mercado informal atuam em diversos contextos do cotidiano. A partir da revisão de estudos já publicados, de acordo com os critérios deste artigo, é possível perceber a variedade da informalidade, visto que a saúde mental de músicos, labirinteiros, vendedores de produtos importados, caminhoneiros e trabalhadores em situação de rua, foi analisada nos artigos base da presente revisão. Entretanto, é necessário evidenciar que apesar desse leque de trabalhadores, assim como a diversidade de ambientes de trabalho e as formas de atuação peculiares, a literatura acadêmica apresenta poucos estudos sobre a saúde mental destes indivíduos.

Tais indivíduos não são, por vezes, reconhecidos por suas atividades laborais, como ilustram os participantes da pesquisa de Morrone e Mendes (2003) e Assis e Macêdo (2010), onde a falta de reconhecimento torna-se um fator que contribui para o adoecimento mental. Existe até mesmo a falta de reconhecimento do governo quanto às questões trabalhistas legais contradizendo as afirmações expostas pelo Conselho Federal de Psicologia – CFP (2008), que refere-se à Saúde do Trabalhador como uma Política Pública de Saúde que deve articular-se de forma intersetorial, ou seja, abranger aspectos da saúde, educação, trabalho e emprego, meio ambiente e a previdência social. O Conselho ainda ressalta que esta Política Pública não tem como foco apenas a saúde dos trabalhadores informais, mas abrange o trabalho informal, se ocupando de fatores que ofereçam riscos à saúde e à segurança dos trabalhadores. Entretanto, os estudos analisados elucidam que no quesito saúde mental os trabalhadores informais estão desamparados.

Todavia, o trabalho informal também apresenta fatores que contribuem à saúde mental dos trabalhadores. Como bem foi demonstrado nos resultados, a autonomia e a liberdade são elementos significativos na vida destes trabalhadores, sendo uma vantagem da informalidade não ser submetido a terceiros, apesar de sofrerem pressões características da vida, como o sustento financeiro, o que pode ocasionar longas jornadas de trabalho. Para além disso, foi possível perceber que os mesmos trabalhadores se identificam, por vezes, com a atividade que exercem, correspondendo ao sentimento de sofrimento que se sobressai quando não existe o reconhecimento destas profissões, seja por parte do governo e ou da sociedade.

## 7 Considerações finais

No decorrer desta revisão sistemática, foram descritos estudos já publicados que retrataram as atividades de trabalhadores informais e alguns dos fatores que contribuem à saúde e ou adoecimento mental dos mesmos, de acordo com os objetivos de cada artigo em específico. Compreende-se que são vários tipos de formas de trabalho no contexto da informalidade e conseqüentemente diversos aspectos que influenciam no processo saúde-doença. Entretanto, não se pode ignorar as condições as quais tais indivíduos são submetidos, seja por necessidade ou escolha própria. O presente artigo objetivou investigar as relações existentes entre a informalidade e saúde mental, mas para além desta perspectiva, desempenha a função de contribuir para esta literatura, que ainda é precária.

Através da leitura destes estudos publicados, é necessário apreender que nenhum destes fatores, sejam estes positivos e ou negativos é regra à atividade informal, sendo apenas resultados das pesquisas realizadas. Entretanto, é necessário possuir um olhar de sensibilidade às vidas laborais, que atuam nas mais diversas condições físicas, podendo estas ser precárias, e estão sujeitos a um processo de saúde – doença no trabalho, mesmo que este na categoria informal.

É imprescindível que as políticas públicas revejam as condições legais dos trabalhadores informais, visto que este foi um dos fatores mais citados pelos participantes dos artigos, a desproteção social. Todavia, é inevitável desconsiderar o papel social nesta questão, sendo necessária uma reflexão acerca da vida destes trabalhadores, que são muitas vezes tidos como pessoas que não possuem uma profissão, que são desqualificados para exercerem algum outro tipo de trabalho e também ignorados, seja entregando panfletos nas ruas, oferecendo produtos e trabalhando de várias outras maneiras. Para além de questões de políticas públicas, deve-se perceber tais indivíduos enquanto trabalhadores que tem histórias de vida, e sobretudo são seres humanos, suscetíveis ao adoecimento devido ao trabalho, não sendo este uma condição única e exclusiva do trabalho formal.

## Referências

- Assis, D. T. F. D., & Macêdo, K. B. (2010). O trabalho de músicos de uma banda de blues sob o olhar da psicodinâmica do trabalho. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 10(1), 52-64. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-66572010000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572010000100005)
- Beloque, L. D. (2007). A cor do trabalho informal: uma perspectiva de análise das atividades informais (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/3785>
- Bendassolli, P. F., & Borges-Andrade, J. E. (2011). Significado do trabalho nas indústrias criativas. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, 51(2), 57-61. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rae/v51n2/v51n2a03.pdf>
- Bernardo, M. H., Nogueira, F. R. C., & Büll, S. (2011). Trabalho e saúde mental: repercussões das formas de precariedade objetiva e subjetiva. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63, 83-93. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672011000300009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000300009)
- Cacciamali, M. C. (2000). Globalização e processo de informalidade. *Economia e sociedade*, 9(1), 153-174. Recuperado de [https://www.researchgate.net/profile/Maria\\_Cacciamali/publication/5020734\\_Globalizacao\\_e\\_processo\\_de\\_informalidade/links/0deec52ace83b9959d000000.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Maria_Cacciamali/publication/5020734_Globalizacao_e_processo_de_informalidade/links/0deec52ace83b9959d000000.pdf)
- Carlotto, M. S. (2014). Prevenção da síndrome de burnout em professores: um relato de experiência. *Mudanças-Psicologia da Saúde*, 22(1), 31-39. Recuperado de [https://www.researchgate.net/profile/Mary\\_Carlotto/publication/277883625\\_Prevencao\\_da\\_Sindrome\\_de\\_Burnout\\_em\\_Professores\\_Um\\_Relato\\_de\\_Experiencia/links/56491f1408ae451880aec003.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Mary_Carlotto/publication/277883625_Prevencao_da_Sindrome_de_Burnout_em_Professores_Um_Relato_de_Experiencia/links/56491f1408ae451880aec003.pdf)
- Conselho Federal de Psicologia. (2008). Saúde do trabalhador no âmbito da saúde pública: referências para atuação do psicólogo. Brasília: CREPOP. Recuperado de [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/10/CREPOP\\_Saude\\_Trabalhador\\_x2x.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/10/CREPOP_Saude_Trabalhador_x2x.pdf)
- Cunha, T. B. D., & Vieira, S. B. (2009). Entre o bordado e a renda: condições de trabalho e saúde das labirinteadoras de Juarez Távora/Paraíba. *Psicologia: ciência e profissão*, 29(2), 258-275. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n2/v29n2a05>
- de Oliveira, G. F., Carreiro, G. S. P., Filha, M. D. O. F., Lazarte, R., & de Toledo Vianna, R. P. (2010). Risco para depressão, ansiedade e alcoolismo entre trabalhadores informais. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 12(2), 272-277. Recuperado de <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/10354/6909>
- Dias, E. C. (2001). Doenças Relacionadas ao Trabalho: Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde/Ministério da Saúde do Brasil. Brasília. Recuperado de [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas\\_relacionadas\\_trabalho1.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_relacionadas_trabalho1.pdf)
- Fabiano, L. H. (2003). Adorno, arte e educação: negócio da arte como negação. *Educação & Sociedade*, 24(83), 83-97. Recuperado de <http://www.redalyc.org/html/873/87313721010/>

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018). PNAD Contínua: taxa de desocupação é de 11,8% no trimestre encerrado em dezembro e a média de 2017 fecha em 12,7%. São Paulo: Autor. Recuperado de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/19756-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-11-8-no-trimestre-encerrado-em-dezembro-e-a-media-de-2017-fecha-em-12-7.html>
- Jacques, M. D. G. C. (2003). Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. *Psicologia & Sociedade*, 15(1), 97-116. Recuperado de <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0677.pdf>
- Lacaz, F. A. D. C. (2007). O campo Saúde do Trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 23, 757-766. Recuperado de [https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X2007000400003&script=sci\\_arttext&tlng=](https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X2007000400003&script=sci_arttext&tlng=)
- Lima, F. C. (2016). Ideologia e significado do trabalho: o caso dos trabalhadores por conta própria (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/22039>
- Lima, M. E. A. (1998). A psicopatologia do trabalho. *Psicologia: ciência e profissão*, 18(2), 10-15. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98931998000200003&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98931998000200003&script=sci_arttext&tlng=es)
- Ludermir, A. B. (2005). Associação dos transtornos mentais comuns com a informalidade das relações de trabalho. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 54(3), 198-204. Recuperado de [https://www.researchgate.net/profile/Ana\\_Ludermir/publication/283249395\\_Association\\_between\\_common\\_mental\\_disorders\\_and\\_informality\\_in\\_working\\_relations/links/004635385f05d68eb2000000/Association-between-common-mental-disorders-and-informality-in-working-relations.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Ana_Ludermir/publication/283249395_Association_between_common_mental_disorders_and_informality_in_working_relations/links/004635385f05d68eb2000000/Association-between-common-mental-disorders-and-informality-in-working-relations.pdf)
- Morrone, C. F., & Mendes, A. M. (2003). A resignificação do sofrimento psíquico no trabalho informal. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 3(2), 91-118. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-66572003000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572003000200005)
- Pereira, L. Z., & Zille, G. P. (2010). O estresse no trabalho uma análise teórica de seus conceitos e suas inter relações. *Gestão e Sociedade*, 4(7), 414-434. Recuperado de <https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/923>
- Sampaio, R.F. (2007). Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista brasileira de fisioterapia*, 11(1), 83-89. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbfis/v11n1/12.pdf>
- Santos, D. R. D., & Mesquita, A. A. (2016). Avaliação das condições de trabalho e sofrimento psíquico em camelôs. *Revista Psicologia e Saúde*, 8(2), 29-42. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177093X2016000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177093X2016000200003)
- Seligmann-Silva, E., Hespanhol Bernardo, M., Maeno, M., & Kato, M. (2010). O mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 35(122), 187-191. Recuperado de <http://www.redalyc.org/html/1005/100515726002/>

- Silva, L. G. D., Luz, A. A. D., Vasconcelos, S. P., Marqueze, E. C., & Moreno, C. R. D. C. (2016). Vínculos empregatícios, condições de trabalho e saúde entre motoristas de caminhão. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 16(2), 153-165. Recuperado de <http://www.redalyc.org/html/1005/100515726002/>
- Soares, H. L. R., & Cunha, C. E. C. (2007). A síndrome do "burn-out": sofrimento psíquico nos profissionais de saúde. *Revista do Departamento de Psicologia. UFF*, 19(2), 505-506. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-80232007000200021&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-80232007000200021&script=sci_arttext&tlng=pt)
- Tittoni, J., & Nardi, H. C. (2008). Saúde mental e trabalho: reflexões a partir de estudos com trabalhadores afastados do trabalho por adoecimento profissional. *Relações sociais e ética*, 71, 70-80.

## Apêndice

Tabela 1

Sistematização dos resultados

<b>Título/Autoria/Ano</b>	<b>Público alvo</b>	<b>Tipo de estudo</b>	<b>Principais conclusões</b>
Vínculos empregatícios, condições de trabalho e saúde entre motoristas de caminhão. Silva et al, 2016.	Motoristas de caminhão contratados e autônomos	Pesquisa de campo	Aspecto positivo da informalidade: liberdade e autonomia no trabalho e possibilidade de levar a família nas viagens. Aspectos negativos: ansiedade, preocupação, baixa remuneração, uso de substâncias químicas.
Trabalho e saúde mental: repercussões das formas de precariedade objetiva e subjetiva. Bernardo, Nogueira e Büll, 2011.	Trabalhadores de uma empresa automobilística e trabalhadores em situação informal de rua	Pesquisa teórica	A autonomia foi identificada como um fator de ambiguidade, ora tida como positiva, ora como um aprisionamento. Os aspectos negativos referem-se ao desamparo social, sentimentos de isolamento e abandono, perda da autoestima e alcoolismo.
Risco para depressão, ansiedade e alcoolismo entre trabalhadores informais. Oliveira et al, 2010.	Vendedores informais do Shopping Center Terceirão	Pesquisa de campo	Sentimento de abandono, sobrecarga de trabalho, insatisfação com o salário e tempo insuficiente para o lazer foram significantes quanto ao risco de depressão e ansiedade. Quanto ao alcoolismo, os fatores identificados foram: convivência com usuário de álcool ou drogas, existência de parente com doença grave, sobrecarga de trabalho, impossibilidade de ascensão no trabalho e tempo insuficiente para lazer.
Avaliação das condições de trabalho e sofrimento psíquico em camelôs. Santos e Mesquita, 2016.	Camelôs	Pesquisa de campo	A renda diária e autonomia foram aspectos positivos identificados quanto à informalidade, em contrapartida, fatores de má infra-estrutura dos

---

<p>O Trabalho de Músicos de uma Banda de Blues sob o Olhar da Psicodinâmica do Trabalho. Assis e Macêdo, 2010.</p>	<p>Componentes de uma banda de Blues</p>	<p>Pesquisa de campo</p>	<p>locais de trabalho, fiscalização, preconceito, dentre outros, são percebidos como desvantajosos. 47,5% demonstraram sofrimento psíquico significativo, o que indica a possibilidade de transtorno mental.</p>
<p>Entre o Bordado e a Renda: Condições de Trabalho e Saúde das Labirinteiras de Juarez Távora/Paraíba. Cunha e Vieira, 2009.</p>	<p>Labirinteiras</p>	<p>Pesquisa de campo</p>	<p>A pesquisa trouxe enquanto resultado uma contradição, pois o trabalho apresentou-se como um fator de prazer, relativo à criação artística, superação da alienação e possibilidade de fruição; e sofrimento, sendo este decorrente da falta de reconhecimento, baixa remuneração, desgaste físico e emocional, etc.</p> <p>Identificou-se sofrimento psíquico no processo de produção das peças, traduzido em preocupação, medo, angústia e ansiedade. O reconhecimento por parte de outras labirinteiras e pela comunidade foi identificado como aspecto de prazer.</p>

---

<p>A ressignificação do sofrimento psíquico no trabalho informal. Morrone e Mendes, 2003.</p>	<p>Trabalhadores de uma feira de importados</p>	<p>Pesquisa de campo</p>	<p>As categorias de prazer no trabalho identificadas estão relacionadas à percepção da atividade enquanto forma de alcançar metas pessoais; identificação com o trabalho, bom relacionamento com colegas e reconhecimento. Em contrapartida, aspectos como carência de oportunidades de crescimento, rotina exaustiva, baixa remuneração, dentre outros, foram interpretados enquanto geradores de sofrimento.</p>
<p>Associação dos transtornos mentais comuns com a informalidade das relações de trabalho. Ludemir, 2005.</p>	<p>Trabalhadores informais de uma região de Olinda</p>	<p>Pesquisa de campo</p>	<p>A associação entre os Transtornos Mentais Comuns e a informalidade foi estatisticamente significativa, entretanto devido ao caráter transversal da pesquisa, a autora não pode concluir se os transtornos mentais foram produzidos pelo trabalho informal ou não.</p>